

# Lazer, Turismo e Termalismo. Inovação e Complementaridade no Turismo de Saúde

ADÍLIA RAMOS \* [ [adilia@esec.pt](mailto:adilia@esec.pt) ]

**Resumo** | Reflectir sobre Termalismo, numa perspectiva turística é, porventura, proceder a uma operação intelectual associada a múltiplos contextos históricos, políticos e sociais, caracterizados, na sua generalidade, por uma associação permanente a actividades relacionadas com o prazer, bem-estar e evasão. Assim, focalizando-nos na abrangência e articulação de conceitos como *lazer*, *turismo* e *termalismo*, torna-se imperioso não só proceder à sua clarificação, como também associá-los a novos paradigmas da sociedade actual, reflectindo sobre terminologias emergentes e áreas de abrangência e conexão inerentes aos mesmos.

Cientes de que tanto o *lazer* como o *turismo* se classificam como actividades desenvolvidas em contexto de tempo(s) livre(s), associando-se a necessidades de relaxamento, prazer e bem-estar, que abrangência conceptual se poderá atribuir hoje ao termalismo? Constituindo-se como uma das formas de turismo mais remota, que áreas ou franjas do termalismo penetram, na actualidade, na actividade turística? E que adaptações se têm exigido a tais ofertas de forma a consolidar a sua importância em projectos turísticos estruturantes?

**Palavras-chave** | Lazer, Turismo, Termalismo, Estância Termal, Saúde e Bem-estar.

**Abstract** | Reflecting upon Thermalism within the sphere of tourism is closely associated to an intellectual activity connected to multiple historical, political and social fields. These are generally characterised by being permanently linked to activities based on leisure, well-being and evasion. It will be demanding, not only to clarify, but also to relate concepts like *leisure*, *tourism* and *thermalism* to new paradigms of the current society and to reflect upon emerging terminologies and to the extent of these areas as well.

Bearing in mind that *leisure* and *tourism* are both classified as free time activities, linked to the need for relaxation, pleasure and well-being, what is the conceptual scope of thermalism, today? While being one of the most ancient tourism practices, which connected areas of thermalism do currently get in the tourism field? And what kind of upgrades related to these offer have been demanded in order to consolidate its role within tourism projects?

**Keywords** | Leisure, Tourism, Thermalism, Thermal's Resort, Health and Wellness.

---

\* **Doutorada em Turismo** pela Universidade de Aveiro e **Docente** na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra.

## 1. Introdução

Há cerca de seis mil anos que o *Ser Humano* conhece e aplaude os benefícios retirados das águas, dos seus banhos e tratamentos vários, embora as suas reais virtudes sejam bem mais recentes e resultantes de uma longa caminhada desenvolvida sobre o conceito de *água mineral*. Mas, foi de facto esse longo caminho que conduziu à descoberta de *fontes termais*, bem como da sua utilização lúdica e medicinal, que tem constituído, sem sombra de dúvida, uma das mais belas demonstrações da perseverança do Homem, no que diz respeito à exploração dos nossos recursos naturais, neste caso especial – a *água*. No início de um novo milénio, e num contexto de permanente mutação, revela-se da maior pertinência analisar e desmontar os conceitos a ela ligados, e que ao longo dos séculos foram criando fortes laços e cumplicidades, que lhes foram permitindo adquirir, em simultâneo, uma identidade e uma visibilidade marcantes, fundamentalmente até à segunda metade do século XX.

A história termal aparece assim como uma sucessão de esforços e de progressos importantes, graças aos quais a medicina termal se impôs com alguma especificidade e com um grau de eficácia relevante, pese embora alguns períodos intermitentes, mais ou menos longos, de alguma indiferença ou de algum relaxamento ou mesmo abandono.

Hoje, porém, torna-se cada vez mais difícil ignorar os factos num mundo ávido de progresso, orientado em direcção à *Sociedade do Lazer* onde, quer Sociólogos, Geógrafos, Gestores, Economistas, Ecologistas, Médicos, entre outros, fazem a apologia à *Civilização do lazer*. Tal lazer, se por um lado se pode entender como um fenómeno imemorial, de contornos múltiplos, poderá considerar-se, por outro, como um fenómeno moderno que tem vindo a adquirir sucessivos contornos de modernidade, em paralelo com a inclusão de valores assentes numa forte tradição. Confrontamo-nos hoje com uma sociedade produtora de diferentes condições para o lazer, onde sobressaem técnicas não territoriais,

predominantemente ao serviço do(s) mercado(s), sem uma ligação obrigatória à natureza, mas com um forte ímpeto à *qualidade de vida*. Deambulámos, assim, de um lazer artesanal localizado, a um lazer industrial globalizado, de um lazer entranhado na sociedade e entrelaçado com ela, a um lazer autonomizado. Acreditamos ter sido este o percurso que o lazer termal efectuou e que hoje (re)aparece com uma nova projecção, mas, também, com uma nova forma de organização.

É sobre este lazer termal e, sobretudo, sobre os seus efeitos físicos e psíquicos, que concentrámos a nossa atenção, bem como na possibilidade de manutenção e de restabelecimento e da capacidade concorrencial das estâncias termais, no futuro. Constituindo esta questão o grande objectivo do presente artigo, procurámos *realçar a Saúde e o Bem-estar como aspectos* postos à disposição dos cidadãos, naqueles territórios, e apontar condições específicas de atractividade que façam do termalismo uma actividade em crescendo. Estas condições, deverão basear-se na adopção de políticas e de modelos de organização, cuja preocupação maior assentará na ideia de *saúde global da sociedade* – física, mental e espiritual, cada vez mais arreigada aos efeitos do lazer e do turismo.

## 2. Conceito e dimensões do lazer

A palavra lazer deriva do nome latino *licere*, atribuindo-se-lhe o significado etimológico de: “ser permitido” ou “ser livre”. A palavra francesa *loisir* assume igualmente o significado de “tempo livre”. O lazer aparece, pois, associado a ideias como: “oportunidade de escolha”, “liberdade de acção”, “tempo usado depois do trabalho” ou “tempo livre depois de realizadas as obrigações ou deveres sociais”. A este propósito, são vários os académicos que sustentam as diferentes concepções etimológicas do termo *lazer*, entre os quais nos permitimos destacar, pela pertinência das suas abordagens,

bem como pela sustentabilidade e clarificação conceptual, os seguintes: Argyle, 1996; Boniface e Cooper, 1994:1; Costa, 1991, 1996; Dumazedier, 1967, 1977, 1979, 1988; Friedmann, 1981; Goodale e Goodbey, 1988:218-219; Kaplan, 1975: 19; Kelly, 1982; Lewis, 1978; Medlik, 1996; Murphy, 1975; Parry e Parry, 1977; Roberts, 2001; Umbelino, 1992, 1999; Weaver e Oppermann, 2000.

São considerados da maior relevância as três funções do lazer, apontadas por Dumazedier (1977): (...) *a de recreio, divertimento e de desenvolvimento*. O *recreio* ou *distracção* liberta fundamentalmente da fadiga; neste sentido, o lazer apresenta-se como reparador das deteriorações físicas ou nervosas provocadas pelas tensões que resultam de obrigações quotidianas ou laborais. A segunda função, a do *divertimento*, liberta do tédio, das rotinas e esgotamentos ou aborrecimentos. Georges Friedman (1957), a este propósito insistiu fortemente sobre o efeito da monotonia das tarefas, na personalidade e no estado de espírito dos trabalhadores, bem como os vários tipos de desgaste imprimidos aos mesmos, levando mesmo à adopção de um sentimento de privação de liberdade e de ruptura com o universo quotidiano. Por último, a função de *desenvolvimento da personalidade* tende a libertar os automatismos do pensamento e da acção, nas actividades quotidianas, valorizando a adopção de comportamentos indutores de um bem-estar que não deverá ser unicamente exterior mas, também, reestruturador do "Eu". O lazer deverá provocar, neste âmbito, uma participação social mais alargada, mais livre, que estimule a adopção de atitudes activas e interventivas no meio, onde a utilização de diferentes fontes de informação, e o acompanhamento de especialistas, deverão funcionar como *veículos* facilitadores da inserção do indivíduo, desviando-o de qualquer forma de exclusão.

Considerando-se imemorial, o *lazer* é, porém, um fenómeno sempre actual, sempre moderno, que se projecta através das mais diversas formas. Por outro lado, se considerado também como uma atitude de

cariz político, o *lazer* configura-se igualmente como uma questão de civilização e desenvolvimento, onde problemas tão vastos como a valorização da essência humana e a preservação da bio e da sócio-diversidade, deverão acompanhar a valorização e a diversidade dos lugares, dos quais constituem, em simultâneo, atributo e riqueza.

Assim se compreende que o conceito grego de *lazer*, amplamente alargado à vida e à natureza, com actividades tão diversas como a música, a poesia e os textos filosóficos, por um lado, o desporto e as diferentes actividades físicas, por outro, se constitua como uma oportunidade única para o desenvolvimento integral dos indivíduos, da reconstituição da sua beleza e estética e, sobretudo, da harmonia entre corpo e alma. Já com os Romanos, o *lazer* assumiu dimensões diferentes. Considerado igualmente importante ou mesmo uma referência na formação individual, diferenciava-se, porém, da ética grega de lazer; muito mais do que estético, o lazer romano era marcadamente utilitário. Os desportos e os *banhos* constituíam formas excelentes de possibilitar a boa manutenção física, sempre tão associada ao *lazer romano*. Toda a actividade ligada ao exercício físico, para além de contribuir para a desconstracção física e mental, permitia ainda a preparação dos soldados romanos para as múltiplas guerras que se foram travando na conquista do seu Império (Torkildsen, 2000).

Para Parry e Parry (1977:53), *lazer é um fenómeno social que envolve constrangimentos e obrigações sociais, podendo ser melhor percebido se incluído num determinado contexto ou estilo de vida*. Embora se lhe atribuam determinados contextos de suporte e de organização, Torkildsen (2000:73), aponta como fundamentais a consideração de cinco grandes acepções ligadas ao lazer:

- *o lazer como tempo;*
- *o lazer como actividade;*
- *o lazer como estado;*
- *o lazer como um todo* – (concepção holística);
- *o lazer como um modo de vida.*

Múltiplas têm sido as teorias desenvolvidas sobre a clarificação conceptual do termo, ao longo do século XX. Neste sentido, Costa (1996), apresenta duas das perspectivas que mais se destacaram na apropriação e definição do termo lazer. São elas, a perspectiva holística e a perspectiva orgânica. Na visão holística o lazer é definido como um tempo de tranquilidade e descontração mas sem subjugação a um tempo específico. Na perspectiva orgânica, o lazer é entendido como um conjunto de actividades desenvolvidas em contextos de não trabalho, isto é, mais em situações de liberdade, do que de atitude. Por tal razão, as actividades de lazer são encaradas e vivenciadas com uma determinada finalidade, *pelo que deverão estar associadas a uma profunda liberdade em relação a actividades impostas com alguma obrigatoriedade*. Em síntese, a visão orgânica defende uma clara distinção entre trabalho e *lazer*, assim como entre trabalho e vida privada, defendendo que, mesmo que se preconizem algumas actividades ligadas ao *lazer*, durante as actividades laborais, elas não são senão residuais, comparativamente com o tempo e a absorção exigidos pelo trabalho (Boniface e Cooper, 1994:1; Costa, 1996).

Segundo Umbelino (1999:29), a dificuldade da existência de um conceito universalmente aceite justifica-se por três razões predominantes:

- em primeiro lugar porque ... *a carga cultural associada à distribuição e valor de uso do tempo é muito diferenciada de país para país, de região para região, de geração para geração e, no limite, até de pessoa para pessoa;*
- em segundo lugar porque existe associado ao lazer... *um conjunto de palavras ou expressões, cujo significado próximo (...) não está ainda bem esclarecido; referimo-nos a termos como o ócio, recreação, tempo livre e tempo não-dedicado ao trabalho;*
- finalmente, devido à *juventude científica deste tema, e a uma consequente escassez de trabalhos científicos, o que ainda não possibilitou a consolidação deste debate.*

## 2.1. Lazer entre prevenção e terapia

De acordo com o novo entendimento de Saúde, percebido numa forma global como *bem-estar de alto nível, físico e psíquico*, os diferentes tipos de terapias utilizadas, quer para fins de prevenção, de terapêutica, de reabilitação e de manutenção, são aplicados tendo em vista o relaxamento e a harmonia social dos participantes. Os *Spas (entendidos como centros/unidades que promovem e tentam integrar o bem-estar e a boa forma física, assim como a harmonia e o equilíbrio, através da prevenção, de terapias várias e da reabilitação do corpo, mente e espírito)*, destinando-se a clientes em situação de não-trabalho, têm implícito nos seus programas actividades o *lazer*. O tempo dedicado à aplicação de cuidados vários, bem como ao seu desfrute, são entendidos, desde há muito, como tempos de *lazer* e *bem-estar*, transversais à terapia, à prevenção e à recuperação.

Compreende-se, assim, que a saúde preventiva possa servir como legitimação dos comportamentos de lazer, muito especialmente nas sociedades industrializadas, onde o desgaste e a monotonia se combinam na deterioração da saúde. Segundo Nahrstedt (2000), sendo o desejo básico da humanidade olhar com expectativa e alegria para o *bem-estar*, proporcionado pelo *lazer*, então, cultivá-lo e expandi-lo será uma das principais funções das sociedades futuras. Mas se pensarmos que a terapia poderá implicar tratamentos e programas múltiplos de prevenção, então, as termas e estâncias termais, na sua globalidade, parecem assumir-se como espaços privilegiados, entre a actividade médica e o lazer relaxante e estimulante. A água em geral, e as águas termais em particular, desempenham, pois, um importante factor na apropriação de espaços e de tempos de relaxamento e prevenção, combinados na fórmula *saúde e bem-estar individual/colectivo...*

Permitimo-nos, então, interrogar se não estaremos perante um novo contexto, ou pelo menos uma nova dimensão social que, às actividades ligadas ao lazer e descontração, terá de associar cada vez

mais programas ligados à prevenção da saúde, ou mesmo ao tratamento de determinadas patologias, em regime voluntário, sem para isso se estar condenado ao rótulo de *doente, velho e idoso, ou ultrapassado...*? (Ramos, 2005). Que importância ou impactos advirão do alargamento da abrangência deste conceito?

Nos últimos tempos, tem-se assistido à criação de um *lazer* que tende a agir mais sobre as sociedades, do que a situação contrária; trata-se de um *lazer* que modela os gostos ou preferências individuais, que (re)educa para a utilização e gestão do tempo, que mobiliza a seu favor os recursos disponíveis no presente e no futuro, que tenta confirmar e consolidar expectativas e que impõe e reforça, com agradabilidade e filantropia, imagens do mundo e do outro... Parece, efectivamente, vivermos numa sociedade *do e para o lazer*, onde os diferentes tipos de formação deverão actuar com cada vez maior interacção, na tentativa de expansão, diferenciação e qualificação daquele que é ainda hoje considerado a panaceia do prazer, ou a arte de viver – *o lazer*. Vários estudos têm procurado apontar o futuro modelo padrão da procura de *lazer(es)*. O método geralmente apontado consiste em conhecer as características das pessoas que mais gozam de actividades específicas, ligadas ao *lazer*, avaliar a estrutura da população futura, em termos dessas mesmas características, para, então, procurar definir as futuras taxas de adesão e participação.

Um desses estudos, citado por Young e Willmott (1973: 375), sugeria já que (...) *o lazer das pessoas, a partir de 2001, será mais variado e mais activo, com um aumento da actividade física, uma tendência natural para programas de relaxamento e de prática de desportos, bem como para uma cada vez mais intensa participação cultural* (Parker, 1978). Que melhores expectativas, tendências e oportunidades esperarão as estâncias termais em geral, e as portuguesas em especial, enquanto espaços privilegiados de encontros e sociabilizações, de equilíbrios e de valorização de patrimónios?

### 3. Conceito e dimensões do termalismo

A revisão da literatura sobre o importante conceito de *termalismo*, que tem por base um *recurso capital – a água mineral natural* – baseada nos seguintes autores: Bywater, 1990; Cazes, 1995; Ébrard, 1981; Fortuné, 1975; Jamot, 1988, Jarrassé, 1994, Langenieux-Villard, 1990; Lopes, 2002; Louro, 1995; Monbrison-Fouchère, 1995; Nahrstedt, 1997; Nahrstedt, 2000; Narciso, 1940; Penez, 1994; Pina, 1990; Pollock e Williams, 2000; Simões e Cruz, 1997; William, 1998, permitiu identificar características nucleares nesta abordagem. O *Termalismo* inclui pois, o conjunto de todos os meios medicinais, sociais, sanitários, administrativos e de acolhimento, devidamente estruturados, com vista à utilização para fins terapêuticos das águas minerais, do gás termal e de lamas. A palavra “termalismo” implica, desde logo, a indicação e utilização de uma água mineral natural com virtudes curativas reconhecidas pela classe médica, através dos seus efeitos químicos, térmicos e mecânicos.

Conhecidos desde a Antiguidade, ainda que por vezes votados a algum esquecimento, os grandes benefícios dessas mesmas águas foram desempenhando, ao longo dos tempos, simultaneamente um importante papel na medicina e prevenção, bem como no lazer e bem-estar dos seus utilizadores. Segundo Gouédo-Thomas (1994), existem várias *medicinas da água: a hidroterapia* que consiste no emprego de qualquer tipo de água doce em função das suas qualidades físicas, da sua temperatura e força balística, em tratamento externo; *a crenoterapia*, que identificada duma forma redutora com o termalismo, consiste no emprego externo ou interno das águas minerais provenientes das fontes termais, em função das suas propriedades terapêuticas; *a talassoterapia* que utiliza os benefícios da água do mar. O termo *talassoterapia* é usado desde 1869, quando um médico d’Arcachon – França, adoptou o termo *talassoterapia* (do grego *thalassa*: mar, e *terapia*: cuidado).

Tendo-se verificado uma permanente e oportuna evolução deste conceito, adaptada sobretudo às novas exigências dos mercados e aos ritmos de vida *acelerados*, o *termalismo* tem sido abordado insistentemente nos últimos vinte anos, numa perspectiva transversal, o que significa não o reduzir à vertente puramente medicinal mas, associá-lo a dimensões de vida cada vez mais saudável e reequilibradora, mesmo que tal opção prescindia, por vezes, da sua vertente exclusivamente curativa, pese embora se incluam outro tipo de vertentes: a preventiva, a lúdica e a de bem-estar. A verdade é que não se poderá prescindir nunca da *água mineral* e dos seus efeitos... Remontando há mais de dois mil anos, através da utilização das fontes de água quente para fins terapêuticos, o *termalismo* foi procurando adaptar-se com o intuito de dar resposta às inúmeras necessidades dos seus utilizadores – *os aquistas*.

A *talassoterapia* representa a utilização combinada, numa perspectiva preventiva e curativa, dos inúmeros benefícios do meio aquático, em simbiose: *o clima, a água do mar, as lamas marinhas, as algas, as areias, e outras substâncias extraídas do mar*. Manifestando-se como uma actividade quase tão antiga como a Humanidade, a *talassoterapia*, tendo como elemento base a utilização da água do mar, tem-se desenvolvido e estruturado através da emergência dum novo mercado que tem vindo a assumir cada vez maior vigor – o denominado mercado de *remise en forme*.

A *balneoterapia* corresponde à utilização de água – não obrigatoriamente termal, mineral ou água do mar – para fins terapêuticos. A *balneoterapia medicinal* é aplicada exclusivamente em estruturas específicas de cuidados específicos, tais como: hospitais, clínicas, gabinetes médicos e de *cinesoterapia*. É igualmente muito utilizada em estabelecimentos termais onde a água termal constitui uma mais valia para os seus efeitos variados. A *balneoterapia* não medicinal praticase, presentemente, numa grande variedade de instalações (centros de reabilitação/recuperação, *spas* em unidades hoteleiras, ginásios, etc.)

evidenciando-se muito aconselhada a programas de *relaxamento e bem-estar geral*. A *balneoterapia* quer em meio termal, quer em institutos de *talassoterapia*, pode apresentar-se sob diferentes práticas ou modalidades:

- percurso aquático de carácter lúdico;
- hidroginástica – *fitness*;
- sauna – *hammam*;
- banhos quentes.

Os centros termais e os institutos de *talassoterapia* têm evoluído no sentido de se dotarem, de uma forma crescente, de pequenas estruturas de *balneoterapia*, complementares da actividade primeira para que foram criados. Esta diversificação tem permitido, aos mesmos, captar e dar resposta a novas e diversificadas clientelas, cada vez mais atraídas por uma oferta inovadora. No modelo anglo-saxónico, apontado como o mais inovador, verifica-se que tal clientela é frequentemente uma clientela de proximidade, que ambiciona e necessita de cuidar não só do seu corpo, como de prevenir a sua saúde em geral, em centros denominados de *remise en forme*, de *fitness ou wellness*, onde, para além de cuidados específicos de hidroterapia, são igualmente ministrados cuidados de estética.

Neste contexto, o *termoludismo*, termo muito utilizado por operadores e especialistas do sector termal, em França e na Suíça, corresponde à utilização da água mineral para fins lúdicos e recreativos. Praticase em lugares ou espaços *temolúdicos* de grande envergadura, embora, na maior parte das situações, independentes dos estabelecimentos termais com fins predominantemente curativos e preventivos. O *talaludismo*, à semelhança do *termoludismo*, diz respeito às actividades recreativas e de lazer, praticadas em meio marinho, com a utilização de água do mar. Tais actividades inserem-se em programas de recreio associados ao restabelecimento e fazem sobretudo apologia aos tão publicitados *slogans: Mais belos, mais delgados, menos stressados...*!

Reconhece-se, assim, que o mercado da denominada *remise en forme* ou *boa forma física* ligada à água, e tão associados ao lazer, se encontra fortemente influenciado por dois actores históricos que são o Termalismo e a Talassoterapia, deambulando entre dois segmentos de mercado complementares (embora por vezes pareçam incompatíveis), a *saúde* e o *bem-estar*. Neste contexto, assistimos à expansão e proliferação dos denominados *Spa(s)* que vieram alterar a ordem estabelecida obrigando a novas reposições, não só de princípios como, também, de estruturas e práticas utilizadas.

Os *spa(s)* são entendidos como pequenas unidades estruturais, onde são propostos cuidados específicos, muito próximos dos cuidados utilizados no termalismo, na talassoterapia e na balneoterapia, como as massagens, os vapores, e os tratamentos de relaxamento. Neles, são frequentemente utilizados os denominados meios adjuvantes, tais como: aromas, óleos, sais, algas e lamas, que se destinam a enriquecer a acção da água. Os *spas* integram igualmente outros equipamentos como: *hammam*, saunas, salas de relaxamento e jacuzis... É, igualmente, atribuído particular destaque aos cuidados de estética, que nos últimos anos vêm evidenciando uma procura crescente. Os *Spa(s)* existem sob diversas formas:

- Os *spas* integrados no seio de complexos hoteleiros;
- Os *spas* de estações termais;
- Os *spas* de estações de desportos de Inverno;
- Os *spas* urbanos.

O modelo *Spa* Anglo-Saxónico é considerado como uma *verdadeira arte de viver*, que alia em perfeita harmonia o bem-estar, os cuidados do corpo, e o repouso ou relaxamento. Impõe-se como uma prática regular, frequentemente quotidiana, naquele tipo de sociedades, o que lhe confere uma particularidade ímpar que pretende evidenciar as diferentes tipologias das práticas ao longo do eixo: *Terapia medicinal* → Recuperação → Relaxamento → *Fitness* → Estética → Lazer(es).

#### 4. Conceito e dimensões do turismo

Tal como no lazer, também o conceito de turismo não evidencia ainda uma definição consensual e universal. O seu aparecimento data de há cerca de dois séculos, embora a designação “turismo” apenas tenha surgido no início do século XIX. De facto, foi o termo “turista” que surgiu como sinónimo de “viajante”, que mais tarde é popularizado por Stendhal, em 1883, com a publicação da obra *Mémoires d'un touriste*. Nessa época, o turismo dizia apenas respeito a um pequeno número de aristocratas ingleses que partiam no final do seu período de formação, para efectuar o denominado *Grand Tour*.

Um dos mais célebres viajantes, considerado mesmo como um dos pioneiros do *tour*, foi o filósofo Montaigne numa missão diplomática a Roma, em 1580/81. Nessa altura, o referido filósofo, efectua também uma longa estadia de saúde nas águas termais de Plombières e de Bade, interessando-se durante a mesma, quer por questões religiosas, quer por curiosidades arqueológicas e outras. Por tal razão, os *românticos saudaram-no como o primeiro turista*. Uma vez mais surgem as termas como espaços preferidos e enaltecidos, como propiciadores de uma diversidade de actividades de lazer. Efectivamente, é durante o século XVI que se afirmam os grandes fluxos turísticos devido fundamentalmente ao desenvolvimento económico e social que eclodiu naquela época, reflectindo-se quer no desejo e necessidade de contactos mais frequentes, quer no incremento das vias de comunicação, quer ainda na implementação de medidas que se reflectissem em contextos de viagem e que permitiam maior organização e segurança nas deslocações.

Outra categoria de viagens, inseridas no denominado turismo, contemporâneo do *Grand Tour*, foram as *Vilegiaturas*. Estas, inicialmente associadas às denominadas *vilas de água*, expandiram-se, mais tarde, para estadias balneares. Tratava-se de elites que procuravam associar cuidados de saúde com vida mundana, mas que passam também a revelar, progressivamente, uma forte apetência

pelas estações montanhosas e climáticas, bem como pelo ambiente campestre. *Passar uma parte do ano desfrutando de grande ociosidade, distinguia as classes burguesas, sobretudo britânicas, condenadas a viver na atmosfera poluída e fumarenta das suas manufacturas.* Surgia assim uma nova arte de *ser turista* onde, o desporto, a descoberta do corpo e de prazeres saudáveis, o contacto com a tradição e com diferentes culturas, o desenvolvimento de novas socialidades, se reatam, sempre muito associados a meios de maior ruralidade (Boyer, 2005).

Constata-se assim que o turismo, sobretudo o de carácter cultural, tenha andado sempre muito associado às grandes obras literárias de valor incontestável, e que as mesmas tenham inspirado muitas viagens e aguçado muitas curiosidades. Daí que os participantes no *Grand Tour* (os primeiros turistas culturais) transportassem consigo não só o guia turístico de John Murray, para se orientarem, como também as obras de Byron, para as contemplar e absorver nos seus respectivos enquadramentos (Buzzard, 1993). Ainda hoje, porém, se pode detectar fortes e estruturantes ligações entre os actuais turistas culturais, com obras literárias determinantes na sua formação, educação e até instrução.

Porém, aquele lazer e relaxamento, igualmente tão apreciado nos tempos de não-trabalho, encontrou eco e grande expressão, nas estâncias termais no século XVIII, nas termas de Bath, Turnbridge e Walls, na Grã-Bretanha, Baden-Baden, Baden Kissingen, na Alemanha, Aix-les-Bains, Vichy, em França. Toda a grandiosidade arquitectónica e decorativa subjacente às referidas termas, associada ao nível social e económico dos frequentadores mais assíduos das estâncias termais de então, fizeram desses lugares, complexos de lazer e turismo privilegiados, onde imperava o luxo, o *glamour* e até alguma ostentação. Inicialmente frequentadas por uma aristocracia poderosa, as termas vão sendo progressivamente frequentadas, devido às mudanças estruturais verificadas na Europa ocidental e central de então, por uma clientela enriquecida a partir do comércio nacional e internacional, bem como da actividade industrial,

cujos proventos ou lucros lhes permitia o acesso a tão magníficos lugares de revitalização (Ferreira, 2003).

Deste modo, a partir do século XIX, os turistas tornam-se cada vez mais numerosos, as estações turísticas mais disseminadas, e o acesso ao turismo transforma-se numa herança das *vilegiaturas*, por uma clientela da aristocracia europeia. Durante o século XX o turismo atrai progressivamente as classes médias dos países mais desenvolvidos, chegando mais tarde às classes populares, para quem as subvenções estatais foram determinantes no acesso a tais práticas. Um turismo inicialmente elitista, transforma-se, deste modo, numa prática ou actividade de massas, transformando-se num importante filão ou actividade económica, em franco crescimento. A evolução atribuída ao significado do termo turismo originou, sobretudo ao longo do século XX, diferentes acepções emergentes de conferências ou organizações cuja função se fixava num olhar crítico e analítico sobre o conceito de turismo.

Segundo Costa (1996), a primeira definição de turismo, baseada na definição de turista, fundamentou-se nas conclusões do *Committee of Statistical Experts of the League of Nations* (Comité dos Especialistas em Estatística da Sociedade das Nações). A referida comissão excluía desta definição as pessoas que viajassem com a finalidade de desempenhar uma actividade profissional, os residentes fronteiriços, os viajantes em trânsito, e os estudantes residindo em residências específicas. Ainda segundo Costa (1996: 8), e de acordo com a referida Comissão, eram igualmente considerados *turistas* os seguintes grupos de viajantes:

- Pessoas que viajam por *prazer*, por *razões familiares*, por *motivos de saúde* entre outros;
- Pessoas que viajam por motivo de *conferências/congressos*, ou em *representação de determinados tipos de funções* (científica, administrativa, diplomática, religiosa, desportiva, etc.);
- Pessoas que viajam em *negócios*;
- Pessoas em *trânsito de cruzeiros marítimos*, quando o tempo de permanência é inferior a vinte e quatro horas.

Embora se configure igualmente difícil a aceitação duma noção consensual de Turismo, parece porém evidente que um qualquer sujeito faz turismo quando, depois de o assumir, se desloca do seu domicílio durante um tempo de *não-trabalho* para desempenhar funções não remuneradas. Um *turista de negócios*, por exemplo, associa frequentemente o seu tempo de trabalho remunerado, ao tempo de descontração e de visitas, ligados à especificidade dos lugares para onde se deslocou e onde se encontra. Pela mesma razão, um *turista de saúde* poderá associar aos inúmeros tratamentos de cura ou prevenção, múltiplas actividades, que se incluirão nos tempos livres destinados a completar todo o processo de reconstituição física e psíquica, não deixando por tal razão de se considerar um *termalista*, mas devendo igualmente ser considerado um *turista*, na plena acepção do termo, porque *consumidor de cultura*, tradições, gastronomia, actividades desportivas, entre outras.

Apontar uma definição de turismo e de turista não parece, efectivamente, tarefa fácil, imagem configurada pelas múltiplas definições de turismo evidenciadas ao longo dos anos. Enquanto algumas dessas definições procuraram atingir a universalidade, ou a aplicabilidade a múltiplas situações, outras foram surgindo com a intenção de dar resposta a objectivos ou finalidades e preceitos específicos

(Weaver e Oppermann, 2000). Permitimo-nos, então, interrogar se não estaremos face a um novo paradigma, ou a uma nova dimensão social, onde às actividades ligadas ao lazer e descontração, terão de se associar um maior número e tipo de programas ligados à prevenção da saúde, ou mesmo ao tratamento de determinadas patologias, em regime voluntário, sem para isso se estar condenado ao rótulo de *doente, velho e idoso, ou ultrapassado...*? Que importância ou impactos advirão do alargamento da abrangência deste conceito? Acreditamos que muitos, face a uma sociedade que vai atribuindo, em crescendo, singular excelência à melhoria dos padrões de vida, bem como à qualidade do *Ser* individual. Os cidadãos, encontrando-se hoje confrontados com uma crescente responsabilização dos seus níveis de *saúde e bem-estar*, promovem a sua associação a programas turísticos que se vislumbram cada vez mais necessários, relaxantes e reconfortantes, inseridos nas preferências e necessidades emergentes.

A Figura 1, referente ao desenvolvimento das estâncias termais europeias, evidencia as duas grandes vertentes onde os *turistas de saúde* se poderão inserir, na sua deslocação às *termas* ou *spas termais*, e onde a complementaridade de programas e de motivações se vislumbram cada vez mais compatíveis e necessárias.

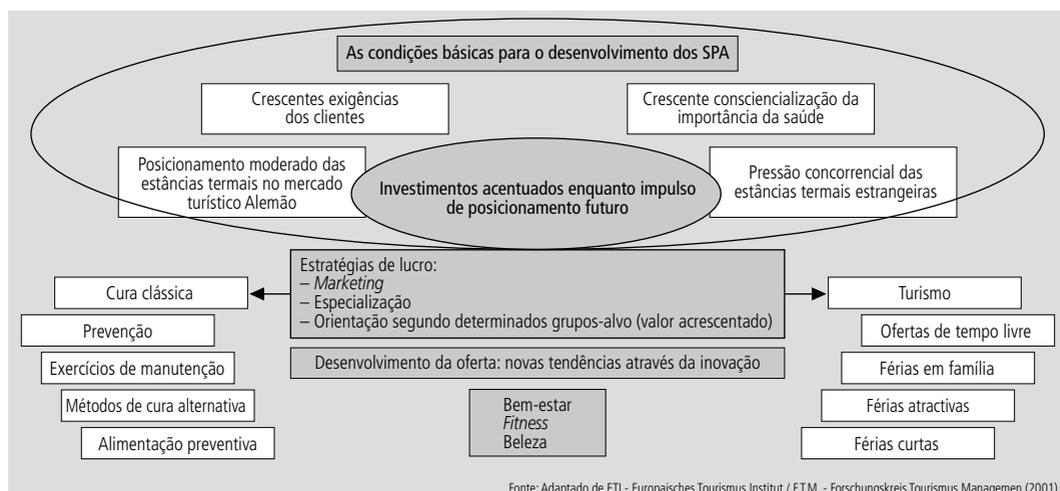


Figura 1 | Processos de desenvolvimento das estâncias termais europeias. Novas estratégias, novos produtos e novos mercados.

## 5. Conclusão

A noção de *Turismo de Saúde* surge pois como uma realidade adaptada às condições e exigências das rotinas quotidianas dos cidadãos, aos ritmos desenfreados, e às exigências de adaptação cada vez mais solicitadas aos mesmos onde, quer as *estâncias termais*, quer os *spas* de diferentes tipologias, surgem como formas propiciadoras de *bem-estar* e dum *lazer* cada vez condicionador do desenvolvimento societal. Para tal, é fundamental que se proceda a uma célere captação de novos mercados, através da urgente utilização de um *marketing moderno, apelativo e convincente*, que deverá orientar-se numa primeira fase para a divulgação e apologia de novos produtos ligados à saúde e, numa segunda fase, para a adopção de uma lógica de *produto integrado*, inserido numa estratégia de promoção e comercialização global dos territórios termais. Esta visão implicará associar, numa simbiose inovadora, as denominadas *férias de saúde e de bem-estar*, onde cada um dos segmentos de opção prioritária dos utentes, se associará a um determinado tipo de actividades características das motivações individuais.

Por outro lado, a tarefa de modernização e promoção das novas e modernas *estâncias e/ou spas termais* deverá consistir, segundo Nahrstedt (2000, 2001), numa divulgação eficaz das diferentes ofertas regionais e específicas, de cada uma das estâncias termais existentes, não só, para o mercado nacional mas, também, e com cada vez maior agressividade, para mercados internacionais, procurando-se, assim, captar públicos e nichos de mercado num espaço alargado como é o espaço europeu.

Nesta perspectiva, vislumbra-se como absolutamente necessária uma clarificação de conceitos, e uma normalização de processos e acções, aplicados aos diferentes tipos de oferta, que se deverão dirigir:

- *ao corpo*, através do movimento, boa forma física e beleza;
- *ao espírito*, através de actividades de desconstracção, meditação e gestão de *stress(es)*;

- *à socialização*, quer pelo treino de diferentes formas de sociabilidades, quer pela participação nos mais diversos tipos de *eventos* que permitam a comunhão de perspectivas e experiências individuais;
- *ao ambiente*, através do estabelecimento de relações entre saúde e meio ambiente e da participação em actividades ecologistas.

Face a tais pressupostos, pretende-se enaltecer a atenção que deverá ser dada, não só, à evolução dos conceitos apresentados no presente artigo, como também à sua adaptação às novas tendências e características duma sociedade global. É, nesta perspectiva, que se deverão considerar as *estâncias e spas termais* de forte espectro turístico e de *bem-estar*, como centros de excelência, onde o relaxamento, a sociabilização e interculturalidade, bem como a desconstracção partilhada, assumam um significado preponderante, inseridos numa ambiência que se deseja sempre saudável e sustentável. Neste sentido, cada local deverá respeitar as suas próprias características culturais e ambientais, evitar qualquer forma de turismo de massas, adaptar-se à sua dimensão, procurando manter não só, a sua especificidade, como também o seu brilho e atractividade, responsáveis por um desenvolvimento singular.

Este é o caminho que se preconiza para o termalismo português – olhar as estâncias termais como destinos turísticos credíveis, de valor acrescentado, com futuro e projecção internacional, afirmando-se como um produto de inquestionável importância na oferta turística, face à matéria-prima de grande qualidade – a água mineral natural, ao património natural e edificado, de excelência, a uma longa tradição termal e a uma procura emergente. As estâncias termais portuguesas revestem-se, portanto, de um enorme potencial, ao que a respectiva oferta se deverá equiparar, revelando uma forte capacidade para apostar na vertente terapêutica mas, também, na componente hoteleira

de qualidade, no contacto com a natureza, na gastronomia local, na requalificação da envolvente, na qualificação dos recursos humanos e na oferta diversificada de produtos de lazer e ainda como motor do desenvolvimento local e regional.

Neste sentido, o modelo subjacente à nova visão dos destinos turísticos termais europeus aponta para rumos e estratégias de reconversão e de reabilitação da actividade termal, através do *marketing*, que se consubstancia na articulação da sua vertente mais clássica (*de pendor eminentemente curativo*), com uma vertente mais lúdica (*de pendor mais ligado ao lazer e bem-estar*), que não só respeita a complementaridade de conceitos, como também a complementaridade regional/local. Tal revitalização, deverá considerar, ainda, a implementação de uma abordagem holística sustentável, bem como a valorização e modernização da qualidade dos serviços prestados, através da sua certificação, que deverá, por orientações europeias, passar ainda em 2007 a vigorar com carácter de obrigatoriedade (Ramos, 2007; ATP, 2006).

## Bibliografia

- Argyle, M., 1996, *The Social Psychology of Leisure*, Penguin Books, London.
- Associação das Termas de Portugal, 2006, *Revista da ATP*, Termas de Portugal, Março/Abril, Lisboa.
- Boniface, B.G., Cooper, C.P., 1994, *The Geography of Travel and Tourism*, Butterworth-Heinemann, Oxford.
- Boyer, M., 2005, *Histoire Générale du Tourisme. Du XVI<sup>e</sup> au XXI<sup>e</sup> siècle*, L'Harmattan, Paris.
- Buzzard, J., 1993, *Besten Track: European Literature and the ways of Culture*, Oxford Press, Oxford.
- Brittner, A., 1998, *Inszenierung als Mittel zur Angebotsprofilierung im Gesundheitstourismus sowie in Heilbädern und Kurorten – dargestellt am Beispiel des Rogner-Bad Blumau in der Steiermark und weiteren rezenten Entwicklungen*, unveröffentlichte Diplomarbeit im Fachbereich Angewandte Geographie/Fremdenverkehrsgeographie, Universität Trier, Trier.
- Bywater, M., 1990, Spas and health resorts in the EC, *Travel and Tourism Analyst*, Vol. 6, pp. 52-67.
- Cazes, A., 1995, Les médecins face au thermalisme, *Les Cahiers Espaces*, n.º 43, pp. 75-78, Paris.
- Costa, C.M.M., 1991, *Planning for Tourism in Portugal – A comparison between the tourist organization in Portugal and England*, Tese de Mestrado, University of Surrey, Department of Management Studies for Tourism and Hotel Industries.
- Costa, C.M.M., 1996, *Towards the improvement of the efficiency and effectiveness of tourism planning and development at the regional level: planning, organisations and networks. The case of Portugal*, Tese de Doutoramento, University of Surrey, Department of Management Studies.
- Dumazedier, J., 1967, *Toward a Society of Leisure*, W.W. Norton, 37, pp. 16-17, New York.
- Dumazedier, J., 1977, *Vers une civilisation du loisir?*, Seuil, Paris.
- Dumazedier, J., 1979, *Sociologia Empírica do Lazer*, Ed. Perspectiva, São Paulo.
- Dumazedier, J., 1988, *Révolution culturelle du temps libre*, Méridiens Klincksieck, Paris.
- Ebrard, Guy, 1981, *Le Thermalisme en France, situation actuelle et perspectives d'avenir*, La documentation française, Paris.
- Ferreira, A.M., 2003, *O turismo como propiciador da regeneração dos centros históricos: O caso de Faro*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.
- Fortuné, F.H., 1975, *Le Thermalisme*, Éd. Maloine S.A, Paris.
- Friedman, G., 1957, *Le Travail en miettes: spécialisation et loisirs*, Gallimard, Paris.
- Friedman, G., 1981, *O futuro do trabalho humano*, Moraes, Lisboa.
- Goodale, T., Goodbey, G., 1988, *The Evolution of Leisure*, Venture Publishing, State College.
- Gouédo-Thomas, C., 1994, Le thermalisme médiéval, de Flamenca à Michel de Montaigne, récits et images, in *Villes d'Eaux – histoire du thermalisme*, Éditions CTHS, pp. 11-26.
- Gruner und Jahr, 2001, *Branchenbild Kuren und Gesundheitsurlaub*, Marktanalyse, Hamburg.
- Jamot, C., 1988, *Thermalisme et villes thermales en France*, Publications de l'Institut d'Études du Massif Central, Collection Thermalisme et Civilisation, Clermont-Ferrand.
- Jarrassé, D., 1994, *2000 Ans de Thermalisme*, Collection Thermalisme et Civilisation, Fascicule IV, Clermont-Ferrand.
- Kaplan, M., 1975, *Leisure Theory and Policy*, Wiley, p. 19, New York.
- Kelly, J., 1982, *Leisure*, Prentice-Hall.
- Kolb, J., 1999, *Interkommunale Kooperation als strategischer Erfolgsfaktor im Kurverkehr. In Kurort der Zukunft. Neue Ansätze durch Gesundheitstourismus, Interkommunale Kooperation, Gütesiegel Gesunde Region und Inszenierung im Tourismus*, Materialien zur Fremdenverkehrsgeographie, 49, pp. 86-131, Trier.
- Konzept und Markt, 2001, *Deutsche Kurorte im Image-Check: Eine Marktstudie gibt Aufschluss*, [http://www.konzept-und-markt.com].
- Langenieux-Villard, P., 1990, *Les Stations Thermales en France. Que sais-je?*, Presses Universitaires de France, Paris.
- Lewis, G.H., 1978, Popular culture and leisure, *Journal of Physical Education and Recreation*, pp. 3-5.
- Lopes, A.L., 2002, *Águas minero-medicinais de Portugal*, IGM, Lisboa.
- Louro, M.R., 1995, *O Culto das Águas*, Edições INAPA.
- Medlik, S., 1996, *Dictionary of Travel, Tourism and Hospitality*, Second Edition, Butterworth-Heinemann, Melbourne.
- Monbrison-Fouchère, P., 1995, Le tourisme de santé: définitions et problématique, *Les Cahiers Espaces*, n.º 43, Paris.
- Murphy, P., 1975, *Recreation and Leisure Service*, William C. Brown Ed., pp. 6-15.
- Nahrstedt, W., 1997, Gesundheitstourismus in Europa: Neue Herausforderungen für Heilbäder und Kurorte in Deutschland, *Heilbad and Kurort*, H.6., pp. 148-152, Bielefeld.

- Nahrstedt, W., 1999, Wellness, Fitness, Beauty, Soul: Angebotsanalyse von deutschen Kur – und Urlaubsorten. Einleitungsvortrag, 11<sup>th</sup> ELRA Congress "Leisure and Wellness: Health Tourism in Europe", 7-9/10 Bad Saarow, In Heilbad und Kurort 51.
- Nahrstedt, W., 2000, *Salus per aquas (Spa): sound and social European Resorts from the past to the future. Leisure between prevention and therapy*, University Bielefeld, Bielefeld.
- Nahrstedt, W., 2001, Wellness als Tagungsevent, *Heilbad und Kurort*, Vol. 53(8).
- Narciso, A., 1940, *A Medicina Social nas Termas*, Editora Médica, Lisboa.
- Parker, S., 1978, *A Sociologia do Lazer*, Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- Parry, N., Parry, J., 1977, Theories of culture and leisure, paper presented at *Leisure Studies Association Conference*, University of Manchester.
- Penez, J., 1994, *Dans la fièvre thermale: la société des eaux minérales de Châtel-Guyon*, Institut d'Études du Massif Central, Clermont-Ferrand.
- Pina, P., 1990, Termas Sempre, *Turismo*, 18, pp. 6-8.
- Pollock, A., Williams, P., 2000, *Trends in Outdoor Recreation, Leisure and Tourism*, CABI Publishing, London.
- Ramos, A., 2005, *O Termalismo em Portugal – dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*, Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro.
- Ramos, A., 2007, Salud y bien-estar – Aspectos Innovadores e Complementares en el Turismo de Salud, *XI Congreso AECIT, Las administraciones públicas y empresas turísticas ante el reto de la sostenibilidad*, Universidad Católica San Antonio, Murcia (Accepted).
- Roberts, K., 2001, *Leisure in contemporary society*, CABI Publishing, London.
- Simões, M.M.T., Cruz, J.F., 1997, Termalismo: Recursos Hidrominerais e Ambiente, Instituto Geológico e Mineiro, Lisboa.
- Torkildsen, G., 2000, *Leisure and Recreation Management*, 4<sup>a</sup> Ed, Spon Press, London.
- Towner, J., 1985, The Grand Tour. A key Phase in History of Tourism, *Annals of Tourism Research*, Vol. 12, pp.297-333.
- Umbelino, J., 1992, *Lazer: um novo tema para a Geografia? Ou uma "Nova Geografia" por causa de um tema?* Actas de VI Colóquio Ibérico de Geografia, Porto.
- Umbelino, J., 1999, *Lazer e Território – contributo geográfico para a análise do uso do tempo*, Edição do Centro de Estudos de Geografia e Planeamento, n.º1, Lisboa.
- Weaver, D., Oppermann, M., 2000, *Tourism Management*, John Wiley & Sons Australia, Ltd., Singapore.
- William, B., 1998, Economic Systems and their impact on tourist resort development: the case of the SPAS in Europe, *Tourism Economics*, Vol.1, pp.21-32.
- Young, M., Willmot, P., 1973, *The Symmetrical Family*, Routledge, London.